

Encruzilhada de tradições: imagens glaciais em *Evocações*, de Cruz e Sousa

*Manuella Miki Souza Araujo*¹

Resumo

O presente estudo propõe, a partir de análise dos poemas em prosa “Iniciado” e “A Sombra”, a investigação da dinâmica que articula os polos do progresso e do retorno, observada na encenação da peregrinação que emoldura as variadas composições de *Evocações*, obra de autoria do simbolista Cruz e Sousa. Ao longo dos textos diversos que compõem o livro em questão, corpos celestes gelados pontuam o caminhar e o pensamento tateantes de um eu, que ora se afasta, ora se aproxima de seus fantasmas ancestrais, nos descaminhos de um mundo à deriva. Às vezes, a frieza autocentrada, sintetizada na órbita elevada dos astros celestes, é modelo de ideal domínio moral e criativo, na perfeita “circunvolução cerebral de cada ser”, capaz de inventar precariamente para si um destino e um centro interior dinâmico. Em outras passagens, o frio desmesurado emanado dos subterrâneos ignotos lhe paralisa, a exemplo do que se observa em “A Sombra”, poema em prosa no qual são revolvidas as raízes soterradas pelo filho pródigo negro, delas afastado desde “Iniciado”, primeira composição do livro em questão. A noção de “evocação”, sinalizada desde o título da obra tratada, favorece o entrecruzamento inesperado de reminiscências, tempos, espaços e tradições distantes, agrupados em relampejos moventes, tão melancólicos quanto violentos. A natureza plasmadora de contrários da imagem tende aqui a favorecer a exploração de sublimes cenários inverniais e crepusculares, comuns à moderna tradição prometeica de conquista de terras ignotas. Situadas na interioridade do sujeito estranho a si mesmo, elas são tema frequente nas epopeias subjetivadas e romances de formação ao longo do século XIX.

Palavras-chave

ignoto; errância; semelhança; criador secular

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, sob orientação da professora Dra. Cilaine Alves Cunha. Atualmente se dedica ao estudo da noção de religião da arte na poesia oitocentista brasileira. E-mail para contato: manuella.araujo@usp.br.

Na primeira composição do livro *Evocações*, denominada “Iniciado”, um eu errante anuncia a partida de sua terra natal rumo às “bárbaras terras do Desconhecido”, onde percorrerá a “Via Sacra da Arte”. No poema em prosa em questão, o filho pródigo negro profetiza a fatal transfiguração do “sol fremente do teu solitário firmamento provinciano” até que assuma a aparência “espectral” de um ser “guilhotinado”, pela ruptura fatal engendrada “nos centros fascinantes do absoluto sentir e do absoluto sonhar”. O resultado desse processo seria um terrível estranhamento que ele poderia suscitar entre seus familiares, quando se percebesse para sempre apartado deles, a exemplo das estrelas brilhantes, separadas da escura superfície terrestre pela distância invencível:

[...] não só tua mãe, mas teus irmãos, teu pae, todos os teus te olharão depois, secretamente abalados, como a um desconhecido, sentindo, por vago instinto, que os caracteres ignótos e supremos do teu ser não são apenas, elementarmente, os mesmos caracteres da simples e natural consanguinidade; que tu, por mais unido que estejas a elles por laços inevitáveis; fataes, estás longe, afastado d’elles a teu pezar, sem malícia, de alma desprevenida e sã, como as estrelas nas soberanias transcendentales da sua luz estão para sempre afastadas da obscura Terra.²

O abandono da terra natal e a posterior metamorfose profunda, produzida pela martirizante “Paixão Estética”, fariam com que o artista andarilho surgisse diante da mãe “como a sombra, o phantasma do que foste, um desvairado perdido, errante na Dôr”. Todavia, a profecia anunciada pelo eu poético em “Iniciado”, conforme fora ali prevista, acaba por não se consumir ao longo das narrativas do livro.

A trigésima terceira composição das trinta e seis que integram *Evocações*, intitulada “A Sombra”, pontua uma virada significativa no desenvolvimento da longa peregrinação que constitui este livro de Cruz e Sousa, por funcionar como um “espelho fantástico” a projetar a “semelhança perseguidora” encarnada no “fantasma tangível” da mãe do artista iniciado. Outrora abandonada pelo filho, ela já está morta em “A Sombra” e assume muitos dos atributos que seu rebento, sem intenção de retorno à casa, idealizava para si em “Iniciado”. A genitora enterrada nos confins da memória se reencontra

2 SOUSA, João da Cruz e. “Iniciado”, in: *Evocações*; 1986, p.16.

com ele em pesadelo, convertendo-se ela mesma em “fantasma” e “sombra”.

Ironicamente, o reconhecimento da mãe, que ele julgava ter perdido no Letes do tempo, transformada agora em espectro perseguidor, desencadeia o pasmo supremo profetizado em “Iniciado”, em lugar do estranhamento inspirado pelo filho ausente e transfigurado, refugiado na distanciada “esphéra celeste, dentro das muralhas de ouro do Castello do Sonho, lá muito em cima, lá muito em cima, lá no alto da torre azul mais alta d’entre as altas torres coroadas d’estrellas”. Mais uma vez, o filho foge da figura materna ao clamar que

[...] tu me apparecerias tão mudada, tão transfigurada por fluidos, trazendo tão prodigiosos effluvios de outros mundos, tantos raios d’outras esphéras, tantas fantásticas expressões e singularidades absolutas da tréva de atos, tétros e bárathros, que eu, frágil, que eu, materia humana, que eu, tecido tenue de nêrvos, me atterrorisaria e succumbiria de pasmo...³

Aterrorizado por descobrir na matriarca a mesma “expressão nostálgica de beduíno no semblante, a mesma fugitiva melancolia — tudo, tudo isso [que] me flagellava” e impelia a vagar para longe, o eu poético paralisado sente-se mumificado junto a terra, procurando desviar-se mais uma vez de desconfortáveis reconhecimentos que o “contacto álgido” daquele espectro tão vivo e movente poderia lhe despertar. Ele é consciente de que a confusão estabelecida entre os pontos de partida e chegada, exterioridade e interioridade, o eu e o outro mesclados, é produto de sua visão singular e cultivada, de modo que “os nervos super-esthesiavam, [e] eu a via, ora perto, ora longe, mais longe, muito longe, quasi já sumida, já apagada no fundo das cinzas da distancia, vindo e se affastando, se affastando e vindo para mim...”.

Seus sentimentos conflitantes o levam a desejar que a voz guilhotinada pelo soluço estrangulador —, rebaixada a um grunhido animal ou a uma pedra na garganta —, se converta em grito capaz de afastar mais uma vez essa sombra fantasmal de si,

Mas ao mesmo tempo, temia que esses gritos, como um vento sinistro que levanta, torna mais intensas as chamas de um incendio, dispertassem, accordassem de repente com impetuosidade, com estranha vehemencia,

3 Idem, “A sombra”, p.327.

a vida insana, estupenda, que eu imaginava estar nebulosamente dormindo lá dentro, lá bem no fundo misterioso desse Phantasma.⁴

É nesse sentido que ele emprega a metáfora da “immensa alluvião de phenomenos da alma que já dormiam eternamente no meu ser”, aludindo a um terreno formado pela sedimentação de cascalhos, areia e lodo após uma enxurrada, que, no entanto, é abalado e revolvido novamente em “A Sombra”. Esta brota dos subterrâneos do filho esquivo de seu passado, quando se dá conta do “remorso” derivado do abandono de sua mãe, desamparada e fria sob a terra, já sem qualquer chance de reparação.

O alto requinte da sensibilidade super estesiada desse eu depurado acaba por converter o prazer da decifração das correspondências e do “rhythmo fino” na consciente, inconfessável e “flagelante semelhança” que o eu poético redescobre na mãe. Em outras palavras, ele se confronta com afinidades e laços que julgava poder superar, romper ou reprimir em si mesmo, conforme se distanciava do lar provinciano desde “Iniciado”. A estrutura em formato de parábola, a conjugar progressão e circularidade, presente e passado, pode ser pensada segundo o recorrente aproveitamento oitocentista da narrativa bíblica do filho pródigo, conforme teoria proposta por Meyer Howard Abrams em *Natural Supernaturalism*.⁵

O crítico literário norte-americano explica que narrativas míticas de viagem, a exemplo da queda de Satã ou da descida órfica, por exemplo, são continuamente reformuladas numa perspectiva secular e autobiográfica nos muitos romances de formação e epopeias escatológicas profusamente produzidos ao longo do século XIX. Nelas, o herói artista parte numa jornada incerta em busca da invenção de seu próprio destino, mediante a conquista nem sempre satisfatória ou mesmo possível de sua autocoerência, maturidade, liberdade e integridade —, utopias perseguidas em um mundo à deriva. Nesse sentido, o artista é criador e obra de si mesmo.

Essa disposição é sinalizada por Cruz e Sousa em *Evocações* desde a epígrafe principal do livro, colhida do romance simbolista *A Eva Futura*, de Villiers de L'Isle-Adam,

4 Idem, idem, p.322.

5 Cf. em especial o capítulo, “The Circuitous Journey: Pilgrims and Prodigals”, in ABRAMS, M. H., 1973.

na qual se narra a criação artificial da vida pelas mãos do cientista contemporâneo Thomas Edison, ficcionalizado pelo escritor francês citado. Arte e realidade se mesclam, ao modo da composição híbrida *Evocações*, onde se encena simbolicamente a jornada de Cruz e Sousa que, tal como o eu poético formulado, parte da província e se lança estradas afora, no doloroso encaço da arte.

A Eva Futura e a moderna tradição do criador secular remontam também a *Frankenstein*, de Mary Shelley, no qual o “Prometeu Moderno” busca dominar para si o segredo do *fiat lux* por meio da eletricidade, animadora de sua obra monstruosa, inspiradora de fascínio, desprezo e pavor. Já na abertura do romance inglês, alude-se ao tema da “laboriosa jornada” rumo ao inconquistado polo norte que, similar ao “isolamento virgem dos corpos celestes”, atrai a agulha das bússolas e a imaginação do sujeito moderno, carente de mistério e aventura.

A ânsia por “abrir caminho por um terreno onde jamais foi impressa a pegada de um homem”⁶ se traduz no culto ao ignoto na literatura oitocentista, deslocado cada vez mais para a interioridade do sujeito, perplexo diante do abismo insondável que carrega em si, chamado Inconsciente. No poema em prosa “Iniciado”, de Cruz e Sousa, o eu poético afirma enfrentar o “épico de majestade mental”, ao passo que em “A Sombra”, o “meu cérebro” procura se recuperar da “sanguinolenta batalha, turbado pela pesada bruma lethargica do pezadoello que o invadira”. A tentativa de acesso à paragem sempre virgem, de onde emana as potências artísticas, motiva Mallarmé a empreender seu “experimento desinteressado nos confins da poesia, limite onde outros pulmões achiariam o ar irrespirável”.⁷

A sondagem de limites extremos, dentro e fora de si, leva Cruz e Sousa a identificar os desolados e indomáveis territórios de África e Rússia como os respectivos polos negro e branco da Dor, emblemas dos confins do conhecimento humano em “Emparedado”, escrito derradeiro de *Evocações*.⁸ Em “A Sombra”, o mergulho horrendo no inconsciente

6 SHELLEY, Mary. *Frankenstein*, 2015, p.80.

7 MALLARMÉ, S, apud. WILSON, Edmund. *O castelo de Axel*, 2004, p.43.

8 SOUSA, *op. cit.*, p.389.

é marcado pelo “contacto álgido”, alusivo à sensação gélida extrema que marca o pico de uma febre. A certa altura, o eu poético paralisado pelo “suplício gelado de achar-me vivo numa sepultura”, afirma que é o frio que lhe percorre. Do além, vem a “gelada névoa de sepulcral silêncio” —, este último “negro e gelado”. Por fim, a sombra provisoriamente exorcizada da mãe deixa-se esquecer nas “glaciais estradas do além”. Os apontamentos tecidos por Albert Béguin em *L'âme romantique et le rêve* permitem situar a identificação do território polar e invernal com a sondagem interior no século XIX.

Por fim, a exposição de Robert Farris Thompson sobre a representação da jornada existencial por meio dos cosmogramas Kongo nas Américas auxilia a reflexão acerca do filho pródigo negro em sua odisseia de autodescoberta, no contexto da diáspora africana pelo Novo Mundo, quando o artista negro procura se reinventar duplamente.

Referências bibliográficas

ABRAMS, Meyer Howard. *Natural Supernaturalism: tradition and revolution in romantic literature*. New York: Norton, 1973, London.

BALAKIAN, Ana. *O simbolismo*. Tradução de José Bonifácio. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BASTIDE, Roger. “Quatro estudos sobre Cruz e Sousa”, in: *Cruz e Sousa*. Coletânea organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. Coleção Fortuna Crítica, vol. 4, pp. 157-189.

BÉGUIN, Albert. *L'âme romantique et le rêve: essai sur le romantisme allemand et la poésie française*. Paris: José Corti, 1991.

BRAYNER, Sonia. “Esoterismo e estética: *Evocações de Cruz e Sousa*”, in: *Travessia*., n.26, 1993, p.171-183.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista: textos doutrinários comentados; direção Massaud Moisés; tradução Eliane Fittipaldi Pereira (francês), Carlos Alberto Vechi (inglês)*. São Paulo: Atlas, 1994.

GUSDORF, Georges. *Du néant à Dieu dans le savoir romantique*. In: *Le romantisme*. Tome 1: Le savoir romantique. Paris: Payot, 2011, p.465-878.

MORETTO, Fúlvia M. L. *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo. Perspectiva/ Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Organização de Andrade Muricy. 3. ed., revista e ampliada, 2 vol, São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2006.

SCHLEGEL, Friedrich. “Discurso sobre a mitologia”, *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994, p.50-61.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Tradução de Christian Schwartz; introdução e notas de Maurice Hindle; posfácio de Ruy Castro. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SOUSA, João da Cruz e João da Cruz e. *Evocações*. Edição fac-similar. Apresentação de Esperidião Amin Helou Filho. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

THOMPSON, Robert Farris. “A marca dos quatro momentos do Sol: a arte e a religião dos Kongo nas Américas”, in: *Flash of the spirit: arte e filosofia africana e afro-americana*. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011, p.107-159.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste. *A Eva Futura*. Tradução de Ercila de Azeredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILSON, Edmund. *O castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*. Tradução de José Paulo Paes, 2.ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.